

## Flats Road

Passávamos os dias nas margens do rio Wawanash ajudando o Tio Benny na pesca. Apanhávamos rãs para ele. Perseguíamos-las, espreitávamos-las, aproximávamo-nos delas muito devagar, ao longo da margem lodosa sob os salgueiros e nas zonas baixas pantanosas cobertas de juncos e de espadanas que retalhavam de finos golpes, a princípio invisíveis, as nossas pernas nuas. As rãs velhas sabiam o suficiente para não se atravessarem no nosso caminho, mas não eram elas que nos interessavam: eram as verdes jovens e esbeltas, as adolescentes sumarentas que buscávamos, frias e viscosas; esmagávamos-las delicadamente com as nossas mãos e deixávamo-las cair com um baque surdo numa vasilha de mel que tapávamos logo a seguir. E ali ficavam as rãs até ao momento em que o Tio Benny se dispunha a espetá-las no anzol.

O Tio Benny não era nosso tio, nem tio fosse de quem fosse.

Ficava de pé, ligeiramente afastado, na água acastanhada e pouco profunda, onde os seixos e a areia substituem o fundo lodoso. Víamo-lo todos os dias vestido sempre da mesma maneira, onde quer que o encontrássemos: botas de borracha, em jardineiras e sem camisa, abotoado num casaco negro e decrépito, que se entreabria em cima num V de pele coriácea e avermelhada, debruada por uma orla mais delicada e clara. O chapéu de feltro que o cobria conservava a rodeá-lo uma estreita faixa de tecido e duas pequenas plumas, completamente enegrecidas pelo suor.

Embora nunca se voltasse para olhar para trás, sabia sempre quando púnhamos um pé dentro de água.

— Se querem chafurdar na lama e assustar os peixes, vão para outro lado. Fora da minha margem.

A margem não era dele. A verdade é que aquele sítio, onde justamente ele costumava instalar-se para pescar, era nosso, embora nunca nos lembrássemos desse facto. Do seu ponto de vista, o rio, o matagal e todo o charco de Grenoch eram um domínio mais ou menos seu, porque ele os conhecia melhor do que ninguém. Declarava que não se limitara a fazer pequenas incursões nas redondezas do charco, mas ser a única pessoa que percorrera toda aquela extensão. Dizia que havia no meio do charco uma baixa de areias movediças capazes de sorver um camião de duas toneladas de um só trago. (Eu imaginava a água do sorvedouro como a brilhante e densa massa líquida do mercúrio.) Dizia que no Wawanash havia fundões com vinte pés de profundidade em pleno verão. Dizia que nos podia ir lá mostrá-los, mas nunca o fez.

Bastava o mais ténue laivo de dúvida para o fazer sentir-se ofendido.

— Quando caírem num deles, não de acreditar no que vos digo.

Tinha um bigode farto e negro, olhos ferozes e um delicado rosto de predador. Não era tão velho como a roupa que vestia, o bigode e os seus modos tendiam a fazer crer: pertencia a esse tipo de homem que se transforma num excêntrico imutável quase antes ainda de completar os vinte anos. Havia em todas as suas afirmações, predições e juízos uma paixão concentrada. Uma vez, no nosso pátio, ao ver um arco-íris, exclamou: — Sabem o que é? É o Senhor a prometer-nos que não vai haver outro Dilúvio! — Estremeceu ante a envergadura da promessa, como se esta acabasse de ser proferida nesse instante, e fosse ele o seu portador.

Depois de ele ter pescado o que queria (voltando a atirar à água os achigãs, e ficando com os escalos e as percas, pois dizia que estas últimas eram um peixe saboroso, embora tivessem tantas espinhas como uma pregadeira crivada de agulhas), afastávamo-nos do leito sombrio e atravessávamos os campos de regresso a casa. Owen e eu, descalços, avançávamos afoitamente sobre o restolho. Algumas vezes, Major, o nosso cão, muito pouco sociável, seguia-nos a certa distância. Ao longe, na orla do matagal — do matagal que, uma milha mais adiante, se transformava em charco —, ficava a casa do Tio Benny, alta e cor de prata, com as suas velhas tábuas por pintar, brancas e ressequidas no verão, e as suas persianas, desconjuntadas e

quebradas, descidas em todas as janelas. Nas traseiras da casa, a espessura era negra, sufocante, cheia de arbustos espinhosos e de um turbilhão de galáxias de insetos.

Entre a casa e o mato, encontravam-se várias cercas onde havia sempre animais cativos: um furão dourado semidomesticado, um casal de visons selvagens, uma raposa vermelha que partira uma das patas numa armadilha. A raposa manquejava e regougava durante a noite, e chamava-se *Duchess*. Os guaxinins não precisavam de cercas. Viviam em liberdade no pátio e no meio das árvores em redor, mais mansos do que gansos, e só se aproximavam da porta de casa para que lhes dessem comida. Gostavam de mascar pastilha elástica. Pelo seu lado, os esquilos, sentavam-se descaradamente no parapeito das janelas e esquadri-nhavam os jornais amontoados no alpendre à procura de alimento.

Junto à casa, havia ainda uma espécie de vala ou fosso pouco profundo, murado pela própria parede e várias tábuas pregadas umas às outras, com cerca de dois pés de altura. Era ali que o Tio Benny guardava as tartarugas. Uma vez, deixara tudo o mais durante o verão para se dedicar à caça daqueles animais. Dizia que ia vender as tartarugas a um americano de Detroit, disposto a ficar com elas a peso, pagando trinta e cinco cêntimos por libra.

— Querem-nas para fazer sopa — dizia ele, debruçando-se sobre a vala cercada. Por muito que gostasse de domesticar e alimentar as tartarugas, comprazia-se também no desagradável destino que as esperava.

— Sopa de tartaruga!

— Para os americanos — acrescentava o Tio Benny, como quem formula uma explicação definitiva. — Eu não lhe tocava.

Ou porque o americano não apareceu, ou porque não quis pagar o preço que o Tio Benny lhe pedia, ou porque a sua existência não passasse de uma divagação desde o início, a verdade é que o plano nunca foi por diante. Passadas algumas semanas, se lhe falávamos nas tartarugas, o Tio Benny olhava para nós como se não entendesse o que dizíamos.

— Ah, já deixei de pensar no assunto — dizia ele, como deplorando que continuássemos agarrados ao passado.

Sentado na sua cadeira favorita junto à porta da nossa cozinha — sentava-se ali como se mal tivesse tempo para o fazer, como se não

quisesse incomodar ou se preparasse para se ir embora no instante seguinte —, transmitia-nos sempre notícias desta ou daquela iniciativa de negócios, uma coisa absolutamente extraordinária, graças à qual, não muito longe de nós, aqui ou ali, no sul do país ou na região de Grantly, havia quem estivesse a arrecadar somas de dinheiro inconcebíveis. Alguém que criava chinchilas. Alguém que criava periquitos. Que ganhava dez mil dólares por ano quase sem mexer uma palha. Provavelmente a razão por que continuava a trabalhar para o meu pai, embora nunca até então tivesse tido qualquer outro trabalho regular, era o facto de ele se dedicar à criação de raposas prateadas, e de haver nesse tipo de negócio uma espécie de sonho de fazer fortuna, uma imagem tão sedutora como fantasmagórica e eternamente inatingível.

O Tio Benny limpava o peixe sentado no alpendre, e, se estivesse com fome, fritava imediatamente, numa gordura velha e fumada, uma parte da pesca que trouxera na sertã. Depois, a sertã servia-lhe também de prato. Até mesmo quando o dia era mais soalheiro e quente, tinha sempre acesa a luz, a luz pendurada do teto da única lâmpada que havia em sua casa, toldada pelas múltiplas camadas sobrepostas de sujidade e coisas desarrumadas que a enchiam.

Ao voltarmos para nossa casa, Owen e eu tentávamos às vezes enumerar tudo o que havia na do Tio Benny, ou pelo menos na sua cozinha.

— Duas torradeiras, uma com uma porta para o pão de cada lado, e outra, que é uma daquelas de pôr a torrada em cima.

— Um banco de automóvel.

— Um colchão enrolado. Um acordeão.

Mas nem a metade da lista chegávamos, já sabíamos. Poderíamos ter tirado daquela casa todas as coisas de que conseguíamos lembrar-nos, sem que se desse pela falta fosse do que fosse: não seriam mais do que meia dúzia de coisas identificáveis e reconhecidas de entre uma formidável massa de destroços, uma amálgama profusa, obscura e em decomposição de tapetes, linóleos, móveis, peças de máquinas, pregos, cabos, ferramentas e toda a espécie de instrumentos. Era a casa onde tinham vivido os seus pais toda a sua vida de casados (eu lembrava-me deles, velhos, pesados e semicegos, sentados ao sol no alpendre, embrulhados em numerosas camadas escuras de roupa de-

crépita), e parte daquela massa amontoada era, assim, fruto de cinquenta anos de história familiar. Mas a essa massa somavam-se também coisas que outras pessoas tinham descartado, coisas que o Tio Benny pedia e levava para casa, ou que, noutros casos, resgatava da lixeira de Jubilee. Esperava repará-las e, depois de as ter tornado reutilizáveis, vendê-las, dizia ele. Se tivesse vivido numa cidade, teria montado um enorme armazém de sucata e velharias, teria passado a vida entre montanhas de móveis estragados, de aparelhos sem préstimo, de pratos rachados e de retratos lúgubres de membros de famílias alheias. Dotava os destroços de um valor intrínseco, embora aos outros dissesse que tencionava dar-lhes uma utilidade prática.

O que mais me atraía em sua casa e nunca me cansava de ver eram os jornais amontoados no alpendre. Não recebia o *Herald-Advance* de Jubilee, nem o jornal da cidade que chegava à nossa caixa de correio com um dia de atraso. Não assinava o *Family Herald* nem *The Saturday Evening Post*. O seu jornal chegava uma vez por semana, mal impresso em mau papel e com títulos de três polegadas de altura. Era essa a sua única fonte de informação relativa ao mundo exterior, uma vez que só raramente lhe acontecia dispor de um aparelho de rádio que funcionasse. O seu mundo era muito diferente daquele que os meus pais conheciam através da leitura do jornal diário ou dos noticiários radiofónicos. Alheios à guerra, que rebentara entretanto, alheios às eleições, às vagas de calor ou aos acidentes, os títulos do seu jornal noticiavam coisas do género:

PAI DÁ DUAS GÉMEAS A COMER AOS PORCOS  
MULHER DÁ À LUZ MACACO HUMANO  
VIRGEM VIOLADA NUMA CRUZ POR FRADES DEMENTES  
ENVIA O TORSO DO MARIDO PELO CORREIO

Eu sentava-me na borda do alpendre meio desconjuntado, tocando com os pés os cravos-de-poeta que devia ter sido a sua mãe a plantar ali.

— Podes levar esses jornais todos, se quiseres — acabava ele por dizer-me. — Já os li todos.

Eu sabia que não era boa ideia. Lia cada vez mais depressa, tudo o que conseguia assimilar, e depois regressava, bamboleando-me ao